

APROPRIAÇÕES DO SABER PSICANALÍTICO PELA PSICOPEDAGOGIA: CONTRIBUIÇÕES AO CAMPO DO DESEJO

Joyce Hilario Maranhão¹

Camilla Araújo Lopes Vieira²

Karla Patrícia Holanda Martins³

RESUMO

Este artigo discute quais leituras a psicopedagogia faz da psicanálise para apoiar sua práxis e que contribuições do campo psicanalítico são possíveis para se considerar o sujeito e suas dimensões transferenciais no processo psicopedagógico. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica na base de dados BVS psi. no período de maio a junho de 2016. A análise crítica de artigos científicos que versam sobre intervenções psicopedagógicas fundamentadas nas teorias psicanalíticas circulou em torno de dois eixos: constituição psíquica e noção de sujeito para a psicanálise; e laço social e transferência. Conclui-se que o trabalho do psicopedagogo orientado pela psicanálise pode contribuir para intervir nas dificuldades de aprendizagem e na inclusão no campo educacional que leve em consideração o desejo do sujeito e sua relação com o aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia. Psicanálise. Educação.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará. Psicóloga especialista em Pediatria e Psicopedagogia. Rua José Paulo Sobrinho, 554, 60.875-525, Fortaleza, CE. joyce_hilario@hotmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral. Doutora em Saúde Coletiva pela UFC/UECE/UNIFOR. tgd.camilla@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Campus Fortaleza. kphm@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é o campo de conhecimento, atuação e pesquisa nas áreas de saúde e educação que trabalha com o processo de aprendizagem humana dentro de um contexto sócio-histórico, relacionado ao sujeito, ambiente familiar, escolar e comunitário. De acordo com o código de ética da profissão (ABPp, 2011), a intervenção psicopedagógica se baseia em procedimentos próprios da psicopedagogia, a fim de intervir nos diferentes modos de aprendizagem e consequentemente nas dificuldades advindas desse processo no âmbito clínico e institucional de forma preventiva e/ou terapêutica.

Atualmente a psicopedagogia conta com uma fundamentação teórico-prática e métodos, instrumentos e técnicas de atuação própria sobre o processo de aprendizagem e serviu-se de conhecimentos da Psicologia, Pedagogia, Psicanálise, Fonoaudiologia, Medicina, dentre outros, para construir sua práxis, tendo, portanto um caráter interdisciplinar (Bossa, 2007; ABPp, 2011; Costa, et al., 2015).

A inclusão da psicanálise pela Psicopedagogia como teoria que colabora para a compreensão acerca da relação entre o indivíduo que aprende e o processo de aprendizagem, coloca-a na posição de um saber sobre o indivíduo e suas relações com o mundo. No entanto, cabe fazer algumas reflexões a partir dos textos freudianos sobre o sujeito do inconsciente e suas relações transferenciais com os pares, cuja busca pelo conhecimento e a situação de aprendizagem estão no campo do desejo.

A teoria freudiana nos lembra do lugar de não-saber do analista, embora este exerça certa autoridade diante do analisando, para possibilitar um saber que advém da própria pessoa que procura a análise. Isso é possível porque a análise sustenta-se na relação transferencial em que o sujeito do inconsciente poderá revelar-se através de seus significantes. A transmissão da psicanálise em uma disciplina dentro de uma área que trabalha a partir das dificuldades de aprendizagem suscitou reflexões acerca de como a teoria psicanalítica pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem do psicopedagogo e do aprendente tanto no aspecto teórico como metodológico.

Os apontamentos sobre a educação vêm na discussão metapsicológica entre a estruturação psíquica e a cultura. Isto porque as primeiras investigações infantis estão ligadas à pulsão de saber sobre sua origem, isto é, de onde vêm os bebês (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b; 1907/2015a; 1908/2015b). Freud traz uma nova perspectiva

da infância ao afirmar que a sexualidade já está presente nas crianças e que tais atividades têm haver com a estruturação psíquica, com o Complexo de Castração⁴ e o complexo de Édipo⁵. A castração é responsável pelo deslocamento da pulsão de saber para outras finalidades, inclusive a criatividade e a aquisição de conhecimento (Freud, 1905/1996a).

Antes mesmo de seu nascimento, o bebê é desejado e já está suposto no campo simbólico pelos pais, há a esperança de que o filho preencha o lugar vazio na ferida narcísica de seus cuidadores, numa infalibilidade fálica de um pequeno rei. Em um primeiro tempo, os pais contribuem para a apropriação do corpo e formação da autoimagem pelo bebê, através da criação da imagem de um Eu ideal, a qual ele possa identificar-se e estruturar-se psiquicamente. O bebê encontra-se desamparado diante das investidas pulsionais, a partir da função de maternagem exercida pelos cuidadores poderá imaginariamente controlar tais pulsões e os objetos do mundo que transforma o mal estar em prazer (Freud, 1914/2010a; 1923/2011a).

Em outro momento, o jogo contínuo de ausência e presença da mãe e a entrada de um terceiro que exerce a função paterna, representante simbólico da cultura, irão enlaçar o bebê no Complexo de Édipo. A lei paterna aponta para a limitação e impossibilidade de realizar o desejo e para a postergação desse prazer, que castra o bebê e revela que há algo de faltoso nele e em seus pais, ao emergir assim o sujeito. A castração edípica, por meio da personificação da alteridade em um pai que é real, marca a passagem do Eu ideal e da predominância dos processos psíquicos inconscientes para um Ideal de Eu, vindo então à criança a existir enquanto sujeito (Freud, 1914/2010a; 1923/2011a).

O Supereu surge da diferenciação do Eu como um resquício da repressão do Complexo de Édipo, da função do pai e da influência do mundo externo, uma vez que

⁴ Complexo de Castração: Trata-se de uma experiência psíquica a partir da percepção tanto pelo menino como pela menina da presença/ausência do pênis. A crença universal da posse do pênis e a percepção que a mãe não o possui geram no menino a angústia da perda do pênis tal qual ocorreu com a sua mãe, enquanto na menina gera sentimentos negativos referentes à mãe ao perceber que também lhe falta o pênis.

⁵ Complexo de Édipo: A mãe é o primeiro objeto de amor do bebê, sendo alvo de investimento libidinal. A entrada do pai e o complexo de castração desfazem a relação dual entre mãe-criança, o amor antes direcionado a mãe será renunciado pelo menino em troca de uma identificação com o pai. Na menina, o amor pela mãe dá lugar aos sentimentos negativos ao perceber que ambas são faltosas, escolhendo o pai como seu objeto de amor.

a superfície corporal do bebê é transpassada de sentidos e estímulos sensoriais que também participam da estruturação psíquica. Como um depositário das representações psíquicas da realidade externa, o Supereu vai de encontro aos impulsos do desejo do Inconsciente ao encontrar outros caminhos para a satisfação, sendo um deles o investimento da criança na figura do professor (Freud, 1923/2011a; 1924/2011b).

Embora o sujeito compareça com seus traços e consiga dar sentido as suas experiências, a identificação e investimento da criança em substitutos que lhe trazem satisfação trazem em seu bojo resquícios do narcisismo dos pais e da relação transferencial com eles estabelecida, sendo modelo para os novos laços sociais (Freud, 1914/2010a; 1920/2010b; 1912/2010c, 1914/2010d; 1923/2011a). A escola é o segundo grupo cultural a qual a criança tem acesso, assim, as vinculações sócio-afetivas que irão ser construídas se sustentarão ainda nos efeitos da relação parental.

No campo educacional, nos primeiros escritos freudianos a educação era vista sob a perspectiva profilática das condutas sociais indo de encontro ao desejo do sujeito (1905/1996a, 1907/2015a, 1908/2015b, 1908/2015c). Para Freud (1908/2015b), “o peso da educação e a diferente intensidade do instinto sexual possibilitam, sem dúvida, fortes variações individuais no comportamento sexual das crianças, influenciando, sobretudo quanto ao momento em que surge o interesse sexual infantil” (p.392).

Os problemas na educação das crianças seriam causados pelo não reconhecimento e exclusão da sexualidade da vida infantil e consequente repressão pelos adultos das atividades das crianças, o que é considerado um excesso, uma vez que as forças psíquicas do Eu no período de latência já dominariam por si só o fluxo da pulsão, através de mecanismos de defesa que fazem emergir o sentimento de vergonha, os ideais estéticos e morais, entre outros e da sublimação para outros destinos é um deslocamento dos impulsos sexuais infantis para outras atividades (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b).

Com as revisões teóricas, essa percepção é abandonada e o interesse da criança pelo conhecimento apresenta-se como um produto do Complexo de Édipo e da castração psíquica (Freud, 1905/1996a; 1920/2010b; 1937/1996b). O desejo de aprender infantil possibilita o estabelecimento de relações transferenciais com a figura do educador, substituta das figuras parentais.

A transferência é o investimento libidinal de uma pessoa que foi parcialmente satisfeita que se volta para a figura de autoridade (Freud, 1912/2010c; 1914/2010d; 1915/2010e; 1912/2012), assim, “é perfeitamente normal e compreensível, portanto, que o investimento libidinal de uma pessoa em parte insatisfeita, mantido esperançosamente em prontidão, também se volte para a pessoa do médico” (Freud, 1912/2010b, p.136).

As expectativas conscientes e inconscientes produzem a transferência através da idealização de um saber que o outro supostamente tem e que poderá ser transmitido também na relação de ensino-aprendizagem. Da mesma forma que na relação fraternal, a transferência pode se manifestar por sentimentos ambivalentes relacionados à ameaça do desamparo. As resistências que tanto atrapalham a análise do sujeito também comparecerão na educação, manifestadas por meio dos problemas escolares e dificuldades de aprendizagem que podem se repetir no decorrer do processo de escolarização do sujeito (Freud, 1937/1996b; 1912/2010c; 1914/2010b; 1915/2010e).

Do lado do educador, aponta-se também sua posição de sujeito desejante, estar à frente da educação das crianças requer uma implicação com o ato de transmitir seu conhecimento, desejo este relacionado às suas experiências infantis fraternais e educacionais (Freud, 1915/2010e; 1912/2012).

Em outra posição, não mais de autoritarismo e repressão, mas de autoridade e também de ser desejante, a educação possibilita dar voz ao sujeito, que permite o reconhecimento da impossibilidade de realização do desejo, mas sem deixar de satisfazê-lo parcialmente (Freud, 1915/2010e). No entanto, não basta que o adulto responda a todas as questões levantadas pela criança, pois o esclarecimento não esgota a complexidade da sexualidade, não se trata de saber mais ou saber menos, mas do lugar de um não-saber o educador pode estabelecer uma relação transferencial que permite ao sujeito se identificar com a sua figura e investir em seu processo educacional e não apenas no conteúdo a ser aprendido, ao revelar a impossibilidade de educar, isto é, a incompletude desse processo, uma vez que a aprendizagem segue junto ao desejo do sujeito (Freud, 1937/1996b; 1912/2012).

A releitura dos textos freudianos por autores da Psicopedagogia contribuiu para a fundamentação teórica da práxis psicopedagógica e para a compreensão da relação entre o aprendente e o processo de aprendizagem, bem como da relação

transferencial entre o educador e o educando, ao considerar o desejo e atemporalidade do inconsciente.

Este artigo é fruto de um percurso das autoras pelos campos da psicanálise, educação e psicopedagogia. Nos cursos de especialização em psicopedagogia, a psicanálise é posta como uma disciplina relevante para a compreensão da singularidade do processo de ensino-aprendizagem e das suas dificuldades do aprendente, assim, por vezes é confundida como um saber a mais sobre o ser humano. Instigadas pela formação em psicopedagogia e atravessadas pela psicanálise é que se propôs esta pesquisa bibliográfica acerca da bibliografia científica produzida a partir da aproximação desses dois campos, a fim de analisar as leituras que a psicopedagogia faz do campo psicanalítico e de refletir como a psicanálise pode contribuir para a práxis da psicopedagogia.

PERCURSO METODOLÓGICO

Diante do que foi explanado, realizou-se um estudo de natureza qualitativa, a partir das indagações acerca de quais leituras a psicopedagogia faz da psicanálise para apoiar sua práxis e quais contribuições do campo psicanalítico são possíveis para se considerar o sujeito e suas dimensões transferenciais no processo psicopedagógico.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, no período de maio a junho de 2016, a partir de artigos científicos publicados na base de dados BVS psi, utilizou-se como critérios de inclusão e exclusão os descritores psicanálise e psicopedagogia. Encontrou-se 10 artigos publicados entre os anos de 1990 a 2012, no entanto, três textos não foram utilizados nesse estudo, pois não estavam disponíveis on line e um quarto artigo foi retirado da análise, pois versava sobre a atuação da fonoaudiologia na clínica interdisciplinar dos distúrbios de linguagem. Houve a leitura dos textos freudianos que versam sobre a noção de sujeito, inconsciente, transferência e repetição, conceitos centrais para a Psicanálise, além dos textos que contribuem para a aproximação do campo psicanalítico à educação. Após a leitura crítica dos trabalhos científicos, construiu-se um diálogo com os textos freudianos, a fim de conhecer qual leitura se faz da psicanálise nos trabalhos relacionados ao campo psicopedagógico e refletir quais contribuições são possíveis para esta área.

RESULTADOS E DISCURSSÃO: A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E A NOÇÃO DE SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

No percurso de construção teórico e metodológico da psicopedagogia ao mesmo tempo foram incluídas algumas teorias psicológicas e a psicanálise para a compreensão do desenvolvimento humano e do processo de aprendizagem. Alguns trabalhos trazem uma tentativa de compatibilização da teoria psicanalítica de Freud no que se refere à afetividade com teorias cognitivas, a exemplo da Psicologia genética de Piaget, o que autoriza cada abordagem a dizer sobre um aspecto do indivíduo.

No texto de Correa (1990), as duas epistemologias são confrontadas a partir da noção de sujeito. De antemão, nos é alertado sobre a diferença entre os conceitos de sujeito em uma e outra abordagem. Na psicologia genética existe um sujeito do conhecimento, racional. Em psicanálise o sujeito pertence ao campo do desejo, inconsciente. Correa (1990) conclui que há uma diferença epistemológica irreduzível entre as teorias, embora Piaget tenha feito um paralelo a fim de articular os conceitos de inconsciente afetivo e cognitivo em um evento da Sociedade Americana de Psicanálise no ano de 1972, onde proferiu a palestra “Inconsciente Afetivo e Cognitivo” (Correa, 1990).

Em Psicanálise, a aprendizagem não se orienta pela dimensão cognitiva, antes participa da constituição psíquica a partir da problemática da origem da criança e do desejo de aprender (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b; 1907/2015a; 1908/2015b). O efeito do Complexo de Édipo e da castração narcísica na relação da criança com seus pais permitem mais tarde fazer laço com outras pessoas da sociedade e investir em produções que lhe proporcionem satisfação (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b).

A educação formal é objeto de investimento a partir da relação transferencial com a figura de autoridade que transmite algum conhecimento no contexto escolar (Freud, 1912/2010c; 1914/2010d; 1915/2010e; 1912/2012). Os problemas de aprendizagem advindos da escolarização são sintomas de um sujeito que não se encontra nesse processo, deste modo, a psicopedagogia mais que trabalhar para o auxílio da aquisição da lógica matemática, leitura, ortografia e demais conhecimentos encaixados em disciplinas escolares, pode contribuir de forma terapêutica, na medida em que ao identificar que conteúdos psíquicos prejudicam a aprendizagem do sujeito, pode partilhar e construir um trabalho junto aos psicanalistas e psicólogos.

Ireland (2012) traz a discussão sobre a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes que apresentam, de acordo com o discurso dos pais, problemas relacionados à escola são diagnósticos fechados ou reprovação escolar. A autora aponta que a psicanálise contribui para a compreensão do funcionamento psíquico, e embora não se alinhe, a termos como “transtornos”, dificuldades ou problemas comuns à medicina, pedagogia, psicologia e psicopedagogia, se aproxima dessas áreas no acompanhamento interdisciplinar. De acordo com (Ireland, 2012) a clínica psicanalítica trata a partir de seu arcabouço teórico e metodológico, e considera como marcos da constituição psíquica a “neurose, psicose, perversão e estados fronteiros, que subjazem a diversos sintomas, inclusive os da área da aprendizagem” (p.152).

Para Ireland (2012) quatro dimensões da psicanálise são relevantes para dialogar com o processo de aprendizagem: pulsão epistemofílica, isto é, pulsão do saber ou do conhecimento, inibição intelectual, produção do pensamento e produção do conhecimento. Para tanto discute um caso clínico que desliza entre um quadro de psicose de acordo com os escritos de Freud ou uma tendência antissocial conforme contribuições de Winnicott (1987 apud Ireland, 2012). Fundamenta seu trabalho nas releituras dos textos freudianos de Bion (1991; 1994 apud Ireland, 2012) sobre a estruturação de um aparelho psíquico que dê suporte aos pensamentos e possibilite o ato de pensar. Em Melanie Klein (1991; 1996 apud Ireland, 2012) busca o desenvolvimento do ego e em Sara Pain (1985 apud IRELAND, 2012) a diferença entre problemas escolares e problemas de aprendizagem, ao considerar os comprometimentos das atividades escolares como formações reativas do ego advindas da dificuldade em transitar do grupo familiar ao grupo social, manifestadas pela resistência às normas disciplinares, má integração no grupo de pares, desqualificação do professor, dentre outros (Pain, 1985 apud Ireland, 2012).

A noção de sujeito é colocada em relação ao tempo singular de cada indivíduo para aprender, principalmente diante de limitação como a psicose ou tendência antissocial. Esses dois conceitos não serão explanados nessa discussão, pois enfatiza na problemática da constituição psíquica, a partir de duas leituras de textos freudianos, bionianos e kleinianos por Ireland (2012) na tentativa de explicar um Ego suficientemente fortalecido e capaz de dar suporte ao processo de aprendizagem.

A autora utiliza-se da parceria com a psicopedagogia para trabalhar problemas escolares que chegam à sua clínica que não seriam de ordem cognitiva, mas de cunho psicológico que fazem resistência ao laço social com as pessoas da escola e a

possibilidade de vincular-se a figura do professor e assim quem sabe poder se beneficiar de algum conhecimento escolar.

Com Freud aprende-se que o Eu realiza a mediação entre o inconsciente e o supereu, tarefa que tem suas consequências, pois ao lidar com a limitação da realização da satisfação do desejo e a sujeição parcial às normas e leis da cultura e sociedade gera alguns sintomas (Freud, 1923/2011a; 1924/2011b). Com o trabalho analítico não se espera apenas o fortalecimento do Eu, uma vez que as marcas das experiências infantis repetem-se na vida do sujeito, mesmo que de forma mais branda, faz resistência ao tratamento (Freud, 1914/2010d).

O trabalho psicopedagógico neste campo poderia usufruir mais de uma aposta na relação de alteridade entre o analisando e o contexto escolar, a fim de que ele enquanto estudante possa identificar-se com algum elemento da escola (professor, estudantes, coordenação, outros funcionários, momento da brincadeira e da alimentação) e fazer laço com o processo de educação formal.

LAÇO SOCIAL E TRANSFERÊNCIA

Para a psicanálise (Freud, 1914/2010a; 1920/2010b; 1923/2011a), a constituição psíquica emerge da relação do bebê com seus genitores, a vinculação se dá a partir de um modelo de Eu ideal imaginado pelos pais e que servirá como primeira identificação para o bebê. Da castração narcísica irá surgir um ideal de Eu que permite ao sujeito buscar outras imagos as quais se identifica e investe. O desejo de conhecimento aparece com as primeiras experiências infantis na busca por sua origem e depois encontra receptáculo em outras atividades de pesquisa sobre si e o mundo (Freud, 1905/1996a; 1937/1996b; 1914/2010a; 1923/2011a; 1907/2015a; 1908/2015b).

Em Almeida (2011), depara-se com a discussão acerca da família, grupo primário de vinculação da criança com o mundo, que junto a fatores genéticos e sociais, é importante na formação da identidade do sujeito e, por conseguinte, nas modalidades de aprendizagem. Assim para a autora, a perspectiva pedagógica fundamentada na psicanálise considera o campo familiar como momento inicial da aprendizagem humana, cuja modalidade de aprendizagem se constrói ao depender se no enlace parental a criança é reconhecida e desejada como sujeito aprendente e a significação que o grupo familiar dá ao ato de conhecer.

Ainda, Almeida (2011) traz a teoria da Epistemologia Convergente de Jorge Visca (1991 apud Almeida, 2011), teórico da psicopedagogia que propõe um trabalho clínico a partir da integração das estruturas cognitiva, afetiva e social. Na Epistemologia Convergente, se considera que o superego é o produto e representante da internalização das normas e padrões parentais, por sua vez, o laço parental reverbera no processo de aprendizagem da criança.

Se tal vínculo for de dependência, a posição do aluno será de subordinação ao conhecimento do professor. Há outros dois tipos de vínculos advindos das relações parental e fraternal do aprendente, que pode ser de cooperação e mutualidade ou competição e rivalidade intergeracional, sexual ou fraterno. A partir da relação vincular estabelecida na família e o desejo do aprendiz para aprender, uma relação poderá ser construída com a figura do professor, numa nova relação entre quem ensina e quem aprende.

Mais uma vez, a psicanálise é vista a partir da dimensão afetiva, talvez pelo amor primário dedicado aos pais mais tarde permitir que a criança invista em outros objetos do mundo e se vincule ao professor enquanto figura merecedora de seu apreço (Freud, 1912/2010c; 1914/2010d; 1915/2010e; 1912/2012). Muitos autores que orientam seu trabalho pela teoria psicanalítica têm se apropriado desta hipótese. Os pais são as primeiras pessoas a quem a criança supõe algum saber e reconhece à autoridade, esse vínculo parental é convocado a marcar presença na escola, seja nos momentos festivos e de devolutiva do trabalho pedagógico, seja nas dificuldades de aprendizagem, aonde a escola irá tencionar os pais a buscarem ajuda fora dela, muitas vezes no psicopedagogo.

É sobre o lugar ocupado pelos pais na relação da criança com a escola que Andrade (2002) relata a experiência de uma escola a partir da psicopedagogia institucional orientada pela psicanálise. As instituições são vistas “como produtos e produtoras de símbolos, cuja função consiste em reler a realidade a partir dos vários sentidos que se lhe podem ser atribuídos criativamente” (Andrade, 2002, p. 84), Deste modo, os sujeitos participantes da dinâmica institucional aprendem a lidar com seus desejos, a partir da alteridade e mediação das leis, embora a instituição não seja poupada do conflito entre realizar seus desejos individuais e as necessidades do coletivo.

Na relação pedagógica, a escola é reinvestida de identificações que a posicionam como uma extensão do espaço familiar, assim, neste escrito, o autor

defende a ideia de os pais e a comunidade exercerem a função de terceiro elemento na dinâmica inconsciente da escola, ao facilitar a mediação de conflitos e contribuir para a formação da autonomia moral e de valores das crianças e adolescentes, principalmente em situações cuja escola e a educação encontram-se desvalorizadas pelos estudantes, professores e comunidade. A partir da fundamentação teórica da psicanálise, a posição de um terceiro na relação do estudante com a escola exerce a função de castração ao apontar as limitações tanto dos aprendentes quanto da escola diante do processo de educação, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de uma alteridade (Freud, 1914/2010a; 1923/2011a).

A psicopedagogia institucional atua com o coletivo que compõe o contexto escolar, e considera cada pessoa e cada situação que influencia o processo de aprendizagem. Olhar para o todo, sem coletivizar o trabalho com os indivíduos é um desafio ao qual o psicopedagogo se sente impelido através das contribuições da psicanálise, pois cada sujeito tem seu estilo de ensinar e aprender e destina sua energia pulsional a determinados objetos, o que diz respeito aquele enlace parental de outrora, e que reverbera no laço com as pessoas que compõem a escola e com este espaço (Freud, 1915/2010e; 1912/2012).

Essa vinculação ao ambiente escolar também diz respeito à relação transferencial e ao desejo de conhecimento. Se a identificação com o espaço físico e simbólico da escola não acontecem de maneira positiva para o aprendente e se esse não encontra a mínima sustentação da aprendizagem como objeto a ser investido pelos pais, professores e psicopedagogos, o que se prevê é o desinteresse pela aprendizagem no contexto escolar e o surgimento das dificuldades de aprendizagem e problemas na escola de ordem comportamental, a exemplo de depredação da infraestrutura, conflitos interpessoais, dentre outros.

O trabalho psicopedagógico escolar sofre influência da globalização da cultura e de tecnologias que adentram ao campo educacional. É o que se percebe em Travi, Oliveira e Santos (2009), com a problematização das concepções de ensino-aprendizagem na escola diante das transformações da sociedade e do aumento do fracasso escolar. Mediante um caso clínico de um adolescente com problemas de aprendizagem, discute a inclusão em interface entre o trabalho clínico, educacional e a família, ao considerar a complexidade de fatores que levam ao fracasso escolar.

A escola seria a re(produtora) deste fracasso por não conseguir responder as demandas da sociedade de constante formação e informação dos educadores,

exigências da globalização, e conseqüentemente não diminuir a evasão escolar e os problemas de aprendizagem, respectivamente, diante do desinteresse dos estudantes e devido as fragilidades estruturais e funcionais das escolas. As novas configurações familiares, o declínio das funções parentais e a transferência de responsabilidades outrora dos pais geram impasses na constituição psíquica das crianças e no desejo de aprender, que convoca a escola e os professores a se posicionarem e criarem estratégias que solucionem os problemas de aprendizagem e o fracasso escolar, função esta vivida com angústia e desamparo pelos educadores (Travi, Oliveira & Santos, 2009).

Deste modo, as autoras se orientam pelas contribuições de Françoise Dolto (1990 apud Travi, Oliveira & Santos, 2009) para considerar o intercâmbio das ordens sociológica, psicológica e pedagógica no fracasso escolar. Neste trabalho também se busca referências nos estudos de Paín (1986 apud Travi, Oliveira & Santos, 2009) para pensar a educação e a posição dos professores, assim, as autoras propõem um trabalho interdisciplinar, que articula a Pedagogia, Psicanálise e Psicopedagogia para apoiar o professor na inclusão da diferença, isto é, “o aluno que deflagra angústia no professor, por um distanciamento significativo em relação aquilo que ele espera” (Travi, Oliveira & Santos, 2009, p. 428).

Geralmente, ocupam este lugar aqueles alunos com necessidades especiais e/ou com problemas de aprendizagem. Na perspectiva de Dolto (1990 apud Travi, Oliveira & Santos, 2009), o trabalho psicanalítico com crianças e adolescentes está ligado também ao desejo dos pais, cujos problemas de aprendizagem também são sintomas da constituição do laço de filiação. Por isso, (Travi, Oliveira & Santos, 2009) defendem um trabalho clínico articulado com o trabalho educacional e se preocupam com a inclusão social para além da dimensão escolar, a exemplo do trabalho e esporte.

A análise crítica deste texto trouxe questionamentos acerca da demanda direcionada à educação e conseqüentemente à psicopedagogia para responder aos anseios contemporâneos de inclusão de todos que dela procuram auxílio, mesmo que esta ajuda não seja necessariamente solicitada pela criança ou adolescente. A educação compartilha da mesma impossibilidade de se concretizar tal como a psicanálise, pois o professor e o analista também são sujeitos desejantes e passíveis de sofrer dos efeitos de uma transferência negativa (Freud, 1937/1996b; 1915/2010e).

Com o trabalho psicopedagógico orientado pela teoria psicanalítica não é diferente, uma vez que o psicopedagogo está em constante formação profissional e carece de um momento psicoterapêutico para cuidar de si. Convoca-se novamente o reconhecimento de que não há um caminho para a satisfação total e nem para o apaziguamento de toda a angústia, uma vez que a falta é uma condição dos seres humanos. Assim, a inclusão vislumbrada irá se deparar com a inclusão de cada um de acordo com as suas possibilidades e limites.

Os artigos compõem uma leitura da psicanálise a partir da sua contribuição para a compreensão da subjetividade, ao desejo de aprender e a relação transferencial com os pais, professores e a escola. Milmann (2003) elabora o diálogo entre a psicanálise e a educação, interroga o lugar da clínica psicopedagógica com crianças e adolescentes que apresentam estruturação psicótica e o acompanhamento destes no contexto escolar do ensino público. A leitura que se faz da psicanálise vem das suas contribuições para a compreensão da linguagem em crianças com questões orgânicas e/ou psíquicas que afetam seu desenvolvimento e aprendizagem.

A autora fundamenta-se em Jacques Lacan (1955-6 apud Milmann, 2003) para explicar a psicose como um não enlaçamento dos três registros da experiência humana: Real, Imaginário e Simbólico, manifestando-se na falha da inscrição da função significante do Nome-do-Pai e no próprio funcionamento da linguagem. Esse impasse na linguagem produz efeitos na subjetividade dos psicóticos e na inserção no campo social e escolar, no que se refere à confusão diagnóstica da psicose com outros quadros, a exemplo do autismo, hiperatividade com déficit de atenção, problemas de conduta, deficiência mental e até altas habilidades (Milmann, 2003).

Em Jean Bergès (1988 apud Milmann, 2003) busca a explicação para o entrelaçamento entre a estruturação psicótica e o acesso à letra, pois na psicose há a sobreposição da imagem pura ao símbolo, o que dificulta encontrar sentido na leitura (Milmann, 2003). Ainda orientada por Bergès (1988 apud Milmann, 2003), a autora aponta que falhas nas funções parentais durante o desenvolvimento infantil reverberam no exercício das funções perceptivo-motoras, uma vez que a imagem corporal da criança não está organizada, dimensão importante para o ordenamento espaço-temporal no espaço gráfico do texto, que por sua vez possibilita o acesso à leitura. Assim, Milmann (2003) aborda a questão da dificuldade de leitura a partir de um corpo que apresenta falhas na fonação, audição, olhar e motricidade o que torna seu acesso à escrita restrito ao signo, não encontrando sentidos no texto.

A formação da imagem corporal e o domínio da linguagem são os primeiros efeitos da instauração e sustentação do simbólico na constituição psíquica que permite a interação da criança com a realidade e capacidade de responder as demandas que lhe são dirigidas. Na psicose, o desinvestimento ou percepção inadequada da realidade externa deixa o sujeito numa alienação que restringe o exercício das funções corporais e da linguagem (Freud, 1924/2011b) que repercute inclusive na questão do ensino-aprendizagem já que é de uma relação transferencial e de uma implicação do sujeito que se espera que ocorra a transmissão e identificação do conhecimento.

Concorda-se com a autora acerca da possibilidade de que haja uma intervenção com a criança psicótica em situação de escolarização, uma vez que o sujeito que aponta para uma estruturação psicótica cria seu próprio jeito de falar e agir no mundo, também não se trata de torná-la apta a adentrar a um mundo que não lhe afeta. O trabalho psicopedagógico orientado pela psicanálise diante da dificuldade de leitura ou de qualquer outro impasse na aprendizagem deve operar a partir dos detalhes reveladores da marca de cada um, a fim de tentar conciliar as reivindicações do sujeito com as exigências da realidade e assim construir algum laço social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação dos campos da psicanálise e da psicopedagogia se fez através da inclusão das teorias psicanalíticas, em sua mais variada extensão através de inúmeros autores, no arcabouço teórico e metodológico à área psicopedagógica sob a perspectiva afetiva do processo de ensino-aprendizagem. A análise crítica de artigos científicos que versam sobre intervenções psicopedagógicas no âmbito institucional e clínico possibilitou a compreensão de quais leituras se tem da psicanálise e quais contribuições tem sido possíveis para o campo educacional e psicopedagógico no que se refere às dificuldades de aprendizagem e aos problemas escolares.

O retorno aos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana aponta para um sujeito inconsciente, cuja implicação com o conhecimento está no campo do desejo. Falar em psicopedagogia de uma intervenção direcionada para o processo de aprendizagem humana, que considera o ambiente familiar, escola e sociedade em um determinado contexto sócio-histórico é também falar de um sujeito que faz laços sociais e que sustenta suas relações a partir de identificações e investimento naquilo que lhe faz causa, inclusive no processo de educação formal. Percebe-se que as

influências ultrapassam os estudos freudianos e chegam à diversidade de psicanalistas que, de alguma forma, contribuíram com o campo, mesmo que se afastem em alguma medida dos constructos de Freud.

O trabalho do psicopedagogo orientado pela psicanálise mais que intervir nas dificuldades de aprendizagem e auxiliar na aquisição de conhecimentos formais, pode vir a contribuir para a identificação de conteúdos psíquicos que prejudicam a aprendizagem, atuando a partir das marcas reveladoras de cada um, numa inclusão no campo educacional que leve em consideração o desejo do sujeito e sua relação com o aprender. Por fim, o psicopedagogo também adentra esta relação com o aprendente implicado também como sua satisfação profissional, pois seu desejo em ensinar vai entrar no circuito pulsional no desejo de aprender da criança. As influências do campo psicanalítico são amplas e devem ser exploradas no sentido de contribuir para a não normatização e psiquiatrização da infância.

REFERÊNCIAS

- ABPp. *Código de ética do psicopedagogo*. Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2011.
- ALMEIDA, A. P. D. Quando o vínculo é doença: a influência da dinâmica familiar na modalidade de aprendizagem do sujeito. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.28, n.86, p.201-213, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862011000200011>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- ANDRADE, F. C. B. Dentro ou fora essa escola, onde está? **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 7, n.12, p. 76-99, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100008>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- BOSSA, N. A. *A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Rio Grande do Sul: Artmed, 2007.
- COSTA, K; FERNANDES, J. S. G; ANDRADE, M. S.; MONTIEL, J. M.; BARTHOLOMEU, D. Psicopedagogia em foco: caracterização do status atual dos estudos no Brasil. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 32, n. 98, p.182-190, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000200008>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- CORREA, J. De Freud a Piaget: Algumas considerações acerca da noção de subjetividade. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 58-65, jun-ago, 1990. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/21766>>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- DALPIAZ, S. L. Sobre o fazer clínico diante dos distúrbios de linguagem: o tempo e as condições para a enunciação. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 236-248, 1990. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/56580>>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.
- FREUD, S. Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.7. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996a.
- _____. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, S. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.23. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996b.
- _____. O esclarecimento sexual das crianças (1907). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.8. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2015a.
- _____. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.8. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2015b.
- _____. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.12. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010a.
- _____. O Eu e o ID (1923). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.16. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2011a.
- _____. Neurose e Psicose (1924). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.16. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2011b.
- _____. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.14. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010b.

_____. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.8. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2015c.

_____. A dinâmica da transferência (1912). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.10. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010c.

_____. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, S. *Obras completas*. v. 10. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010d.

_____. Observações sobre o amor de transferência (1915). In: FREUD, S. *Obras completas*. v.10. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2010e, p. 210-228.

_____. Sobre a psicologia do colegial (1912). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v.11. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2012.

IRELAND, V. E. Queixas de aprendizagem — contribuições de outras disciplinas e da psicanálise. In: **Estudos de Psicanálise**. n.37, p.151-164, jul. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100014>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

MASINI, E. F. S. et al. *Psicopedagogia na escola: buscando condições para a aprendizagem significativa*. São Paulo: Unimarco/Loyola, 1993.

MILMANN, E. A instância da letra na leitura. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.8, n.14, p.30-49, 2003. Disponível em: <www.revistas.usp.br/estic/article/download/61167/64143>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

RAMOS, G. P. Psicopedagogia: aparando arestas pela história. **VIDYA**, Santa Maria, v. 27, n. 1, p. 9-20, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/346/320>>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

TRAVI, M. G. G.; OLIVEIRA, L. M; SANTOS, G. A. A escola contemporânea diante do fracasso escolar. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.26, n.81, p.425-34, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000300010>. Acesso em: 9 de maio, 10h30min.

APPROPRIATION OF PSYCHOANALYSIS BY PSYCHOPEDAGOGY: CONTRIBUTIONS TO THE DESIRE OF THE FIELD

ABSTRACT

This paper proposes to discuss which readings psychopedagogy does psychoanalysis to support their practice and that the psychoanalytic field contributions are possible to consider the subject and its transference dimensions in the psychopedagogical process. Conducted a literature search for the period may-june 2016, from scientific papers published in BVS psi database. The review of scientific articles that deal with psycho-pedagogical interventions based on psychoanalytic theories circled around two axes: notion of subject for psychoanalysis; and social bond and transfer. It is concluded that the psychopedagogical work oriented by psychoanalysis contributes to intervene in learning difficulties and to an inclusion in the educational field that takes into account the desire of the subject and its relationship to learning.

KEYWORDS: Psychopedagogy. Psychoanalysis. Education.

L'APPROPRIATION DU SAVOIR PSYCHANALYTIQUE POUR LA PSYCHOPÉDAGOGIE: LES CONTRIBUTIONS AU DOMAINE DU DÉSIR

RÉSUMÉ

Cet article vise à discuter quelles lectures la psychopédagogie fait sur la psychanalyse pour soutenir ses pratiques et quelles contributions du champ psychanalytique sont possibles pour considérer le sujet et ses dimensions transférentielles dans le processus psychopédagogique. Durant les mois de Mai et Juin de 2016, il a été faite une recherche bibliographique d'articles scientifique publiés dans la base de données BVS psi. L'analyse d'articles scientifiques qui parlent sur l'intervention psychopédagogique fondée sur des théories psychanalytiques a été faite autour de deux axes: la constitution psychique et la notion du sujet pour la psychanalyse; et le lien social et le transfert. On a conclu que le travail du psychopédagogue orienté par la psychanalyse peut contribuer à intervenir dans les difficultés d'apprentissage et dans l'inclusion sur le champ d'éducation en considérant le désir du sujet et sa relation avec le fait d'apprendre.

MOTS-CLÉS: Psychopédagogie. Psychanalyse. L'éducation.

Apropriações do Saber Psicanalítico pela Psicopedagogia: Contribuições ao Campo do Desejo

Recebido em: 01-02-2017

Aprovado em: 16-03-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>